

**ANÁLISE DE OBRA DIDÁTICA
PORTUGUÊS: LINGUAGENS,
DE WILLIAM ROBERTO CEREJA
E THEREZA COCHAR MAGALHÃES,
E QUESTIONAMENTO SOBRE ANÁLISE DISCURSIVA:
O DISCURSO EM CURSO PROMOVE À VIDA?¹**

Terezinha Fatima Martins Franco Brito (UNIGRANRIO)
tfmarfranbr@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva levantar questões que levem à reavaliação acerca das abordagens psicodidaticossociais envolvidas no processo de leitura e interpretação de textos contidos na obra didática *Português: Linguagens*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães (Ensino Fundamental II), e os discursos neles envolvidos.

O que nos angustia de sobremaneira, quando o assunto é a escolha de obra didática e que esta, através da discursividade de textos, poderá oferecer suporte à formação educacional pretendida para o desenvolvimento social de nossos educandos, também perpassa pela preocupação pedagógica de que a obra projeta discursos de múltiplas vozes oriundas dos textos que a compõem e que, nesse acervo, consequentemente, ocorrerá instrumentalização e parceria quanto aos discursos críticos e interpretativos que existem na sociedade em geral. Se os textos mantêm adequação para a faixa etária e de interesses para o momento histórico-político-social em que são trabalhados. Os textos na obra não existem de forma “engessada”, fechada. Eles são selecionados de acordo com justificativas e critérios dos autores e assessoria pedagógica vislumbrando-se a utilização pelos professores e instituições que irão adotar uma ou outra coleção didática, onde, para

¹ Este artigo é parte integrante dos estudos sobre o Livro Didático Português: Linguagens que venho desenvolvendo no Programa de Mestrado da UNIGRANRIO, de Duque de Caxias- Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa – PROPEP - Escola de Educação, Ciências, Artes, Letras e Humanidades. Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas – PPGLCH – 1ª Turma do Mestrado Acadêmico em Letras e Ciências Humanas, sob orientação do Professor Doutor Rogério Casanovas Tílio.

definir a escolha, também existe uma seleção criteriosa para a adoção do livro.

Necessária se faz também a análise crítica que os educadores desenvolvam, ou não desenvolvam, para efetivamente decidirem sobre a adoção de uma obra em detrimento a outras. Os educadores precisam estar atentos a fim de que não se transformem em meros seguidores das orientações contidas nos materiais didáticos. O material didático é uma ferramenta de apoio e não substituto do profissional comprometido com a educação. Um texto, em sua essência e também e especialmente num livro didático contextualizado, existe para ser comentado, comparado, interpretado. Jamais para ser indicado em suas páginas e atividades referentes às mesmas, enquanto um professor preenche diários de classe ou faz correções de exercícios.

Freitag (1989) ressalva que professores e alunos acabam tornando-se escravos do livro didático ao invés de o utilizarem para o desenvolvimento da autonomia, do senso crítico e de contraideologia tornando-o principal roteiro, ou exclusivo, do processo de ensino e aprendizagem.

Devemos refletir sobre o papel do livro didático e da leitura de textos diversificados que apresentam discursos e imagens veiculadas e com o poder de representar, como pode ser constatado na obra em análise, inicialmente, para este artigo, do livro do sexto ano do Ensino Fundamental. Nesse volume destinado aos sextos anos os textos representam o mundo da fantasia, das crianças em perigo, do mito de Peter Pan, da infância e pré-adolescência, das pessoas e laços de afetividade, da preservação ecológica, dos costumes, do posicionamento cidadão e valores sociais. Essa representatividade se manifesta na pesquisa e nos traz inúmeros conhecimentos sobre a aplicabilidade desses textos, assim como indicam o quanto é importante investigarmos acerca do funcionamento desses mesmos textos e o estudo e conhecimento sobre eles. Como afirma Morin (1996):

Nossa ciência realizou gigantescos progressos de conhecimento, mas os próprios progressos da ciência mais avançada, a física, aproximam-nos de um desconhecido que desafia os nossos conceitos, nossa lógica, nossa inteligência, e colocam-nos o problema do inacessível ao conhecimento. Nossa razão, que parecia o meio mais seguro do conhecimento, descobre em si uma sombra cega. (p.18)

Neste artigo interessa-nos discorrer sobre os tipos de textos apresentados na obra e, neste primeiro momento, identificar que o volume destinado ao sexto ano do Ensino Fundamental apresenta quatro unidades e cada uma delas se divide em quatro capítulos. Apresenta-se no Manual do Professor, na Estrutura e Metodologia desse volume, a seguinte informação quanto aos capítulos, segundo Cezeira e Magalhães (2009): “O último, chamado *Intervalo*, é especial, pois apresenta um projeto que envolve toda a classe”.

Os capítulos apresentam um texto principal para representar a temática a ser trabalhada nos demais textos com os quais esse texto principal está interligado. Um texto relacionar-se com outro é uma estratégia importante para a cognição porque estes que se seguem ao texto principal também implicam na elaboração de interpretações e explicações sobre a temática da Unidade, portanto dialogam neste processo de aprendizagem. Isto é, na medida em que optamos por fundamentar num modelo de texto, nosso entendimento sobre a aprendizagem desses textos, damos um ou outro sentido para a prática pedagógica e para a percepção da influência desses textos na aprendizagem.

Ocorre então na obra a intertextualidade, que não é o hipertexto como um meio de informação que existe on-line, mas que possui uma estrutura de informações interligadas através dos recursos de informação que a obra desenvolve. A partir deste entendimento, mas pretendendo caminhar um passo adiante, para com o presente trabalho buscamos apontar e reconhecer por um lado, uma intertextualidade e, por outro, verificar quando e de que forma tal textualidade pode ser analisada a partir do texto principal.

Faz-se necessário dizer que um texto é “toda unidade de produção de linguagem situada, acabada e auto-suficiente do ponto de vista da ação ou da comunicação” (Bronckart, 1999). O texto é o elemento básico com que devemos trabalhar no processo de ensino de qualquer disciplina. É através do texto que o usuário da língua desenvolve a sua capacidade de organizar o pensamento/conhecimento e de transmitir idéias, informações, opiniões em situações comunicativas.

Nas aulas de Língua Portuguesa, tanto quanto das demais disciplinas da Matriz Curricular, a partir dos ideais interdisciplinares,

buscam-se, entre outros objetivos referentes à disciplina, promover reflexões sobre valores de vida em sociedade. Podem-se dinamizar debates, promover a argumentação e reflexões sobre o papel exercido no meio em que vivemos, bem como a identidade que se constrói através dos discursos proclamados. Além disso, é fundamental des-pertar hábitos de leitura e reconsiderar a importância da escolha de textos que garantam a formação identitária do indivíduo como agente de transformações sociais e autor de novos textos que garantam sua identidade cultural.

A investigação pretende examinar se realmente através dos textos é possível a reflexão sobre os questionamentos e sobre os valores que eles passam para o reconhecimento da realidade, ou seja, se através deles poderemos ler o mundo; ajudar nossos educandos a lê-lo também; e utilizarmos nosso papel de educadores, que os analisamos a luz de um novo enfoque, a intertextualidade e, com ela, os constantes desafios encontrados pelo professor que são: compreender o texto como um produto histórico-social, relacioná-lo a outros textos já lidos e/ou ouvidos e admitir a multiplicidade de leituras por ele suscitadas. Para tanto, delimitamos, inicialmente, algumas das questões que norteiam o estudo e que pretendemos investigar:

1. Com base nestes textos pode-se afirmar que a obra é de caráter sócio-cultural inclusivo?
2. Os textos mantêm adequação para a faixa etária e de interesses para o momento histórico-político-social em que são trabalhados?
3. A intertextualidade pode ser desenvolvida a partir da leitura e reflexões desses textos?
4. A interdisciplinaridade pode ser desenvolvida a partir da leitura desses textos?

A preocupação com os discursos é parte do desenvolvimento convergente de várias disciplinas que trabalham com textos, argumentações, criticidade e, no caso em que se analisa a obra didática, destacamos a necessidade de uma interrelação entre textos e contextos de aplicabilidade destes.

Este artigo visa ressaltar e investigar aspectos epistemológicos das representações sociais: cognição, interpretação, afetividade e interação social. Estudam-se as relações de poder que perpassam as representações sociais que consideramos relevantes para o estudo do livro didático sob uma perspectiva transcultural.

Segundo afirma Martha Azucena Traverso-Yépez que é Doutora em Psicologia pelo Departamento de Psicologia Social da Universidad Complutense de Madrid (Espanha) e professora visitante no Departamento de Psicologia da UFRN, temos:

O termo "discurso", como a maioria dos termos conceituais nas ciências sociais, caracteriza-se por uma grande ambigüidade. Tal ambigüidade é consequência dos múltiplos usos, desenvolvimentos e perspectivas nas diferentes disciplinas e, inclusive, dentro de uma mesma disciplina, mas segundo diferentes critérios conceituais. Como expressou Voloshinov (1929/1992, p. 49), "em cada signo ideológico se cruzam os acentos de diversas orientações", sendo importante esclarecer o sentido dado a cada termo conceitual.

Em Psicologia Social, como no campo da Semiótica, podemos considerar os textos ou discursos como seqüências de signos que produzem sentido. A teoria da significação é central no desenvolvimento do que Lozano, Peña e Abril (1986, p. 16) denominam "semiótica textual ou semiótica discursiva", na qual o alvo de estudo estaria mais centrado "no que os signos **fazem**, mais que no que eles **representam**". Sob o mesmo rótulo, inscreve-se um conjunto de enfoques teóricos e metodológicos que vinculam a linguagem à ação. Ou seja, os discursos têm sentido enquanto se constituem em unidades de (inter)ação social e, como tais, em práticas sociais concretas. Segundo Crespo (1991, p. 92), o termo é utilizado "para fazer referência a um fragmento de interação lingüística, mas na prática se fala de discurso para referir-se a qualquer tipo de intervenção verbal". Para esse autor, o importante, e talvez o mais difícil, é definir o critério conceitual quando o fragmento é utilizado como unidade de análise.

O pensador francês Foucault (1979) investiga sobre que tipo de poder é capaz de produzir discursos dotados de efeitos poderosos. Produzir verdade é então uma necessidade imperativa do poder. E o que é o poder? Para Foucault (1979): "um jogo de forças, portanto reversível". Como o discurso nunca é o mesmo, o poder é anônimo e, por isso, merece investigação.

Foucault (1979) ainda afirma que em qualquer sociedade existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social. Estas relações de poder não podem se dis-

sociar, se estabelecer, nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação, um funcionamento do discurso.

Uma obra didática é uma produção que circula discursos. Portanto, reconhecer como são elencados os textos e suas intertextualidades é uma forma de identificar que discursos estão enfocados e que poderes estão implícitos nas vozes que os proclamam.

Estamos convivendo numa sociedade permeada pelos mais variados discursos, nos quais as pessoas, de um modo geral, negociam os mais diferentes significados para atingirem determinados propósitos, nos quais existem “verdades” subentendidas, que se apresentam como panos de fundo, e nós, estamos submetidos a este poder midiático atual, que produz o discurso que decide, transmite e reproduz os efeitos de “verdade”.

Somos analisados, rotulados, prejudgados, discriminados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar papéis e destinados a um determinado modo de viver, de posicionar-nos diante da sociedade impregnada de discursos que trazem consigo efeitos específicos do poder.

Os indivíduos são expostos a diferentes discursos. Estamos preparados para uma sociedade que explicita e banaliza as relações interpessoais e não credibiliza os valores de respeito e cidadania? Que discursos e palavras de ordem estão em foco na contemporaneidade? Os textos contidos numa obra didática podem contribuir para avaliarmos esses diferentes discursos?

Nossa proposta é desenvolver uma análise do significado, pautada na análise crítica do discurso, e identificar se nos textos, na abordagem pedagógica da obra em análise, observam-se esses referenciais de criticidade e valores de interação social.

Pretende-se desenvolver, para um aprofundamento nas abordagens delineadas neste artigo, uma pesquisa qualitativa e interpretativista. Através da análise de textos e contextualização dos mesmos através do volume de 6º ano do Ensino Fundamental e análise do discurso que o integra, tendo em vista o primeiro texto, do capítulo primeiro, de cada uma das quatro unidades. Temos, portanto, os seguintes textos:

1. O Ganso de Ouro, Irmãos Grim – p. 14 de *Português-linguagens* (Unidade 1 – No Mundo da Fantasia, capítulo 1 – Era Uma Vez)
2. A Vocação de Geraldinho, Ziraldo – p. 78 de *Português-linguagens* (Unidade 2 – Crianç as, capítulo 1 – Quando Eu Crescer)
3. Os Meninos Morenos, Ziraldo– p. 140 de *Português-linguagens* (Unidade 3 – Descobrimo Quem Sou Eu, capítulo 1 – Um Mundo Chamado Infância)
4. Da Utilidade dos Animais, Carlos Drummond de Andrade – p. 194 de *Português-linguagens* (Unidade 4 – Verde, adoro ver-te, capítulo 1 – Preservação Animal)

O enfoque inicial é o conhecimento sistemático da relação entre teorias da linguagem e o livro didático. Por outro lado, importa também explicar o modo como são "fabricadas" as escolhas dos textos e sobre que teorias se fundamentam. Um texto não brota aleatoriamente dentro de uma obra didática. Ele está inserido com um propósito.

De acordo com a leitura de Orlandi (1988), que discute a leitura do ponto de vista da Análise do Discurso ressaltando a importância do contexto histórico-social na produção de sentidos, numa reflexão mais prática, através da história, pretende-se fornecer subsídios para o ensino de leitura em uma escola crítica; destaca-se que também se torna mister uma reflexão menos prática de que a leitura é um processo cuja explicação envolve mecanismos de muita relevância para a análise do discurso.

De acordo com a análise Crítica do Discurso, segundo Fairclough (2001) verifica-se que esse enfoque tem muito a contribuir para a investigação sobre o cunho social de uma obra didática, sobretudo quando se faz a investigação integrada em projetos interdisciplinares.

Desde o início de 1980, minha pesquisa se concentrou na análise crítica do discurso - inclusive o lugar da linguagem nas relações sociais de poder e ideologia, e como língua valores nos processos de mudanç a social.

O meu principal interesse atual é na linguagem (discurso) como um elemento de mudanças sociais contemporâneas, que são referidos como «globalização», «neo-liberalismo», "novo capitalismo", a "economia baseada no conhecimento» e assim por diante.

Pode-se pensar até que existam motivos políticos para que as camadas populares não tenham tanto acesso ao livro e à leitura. Uma vez que a leitura é considerada uma forma de subversão da realidade e de desenvolvimento do senso crítico, ou seja, uma fonte de formação do cidadão consciente, fica mais difícil 'manipular' (Silva, 1997) ou de satisfazer as exigências de uma população com clareza de idéias e posicionamento crítico. Desde as séries iniciais deve-se privilegiar o estudo de textos, intertextualidade e discursos, bem como seus enunciados, ideologias, inferências e análises.

Destacando-se o que diz Leffa (1999), cada tipo de leitura exige uma estratégia diferente. Nossos livros didáticos, de um modo geral e, sendo o objeto a coleção analisada, atendem a essa colocação sobre a importância da leitura? Como são escolhidos esses textos e elencados num livro didático? Que intencionalidades e vozes há por trás dessas escolhas?

A aquisição do conhecimento e o conseqüente sucesso na escola podem ser obtidos pela leitura de textos escritos, mas não há como se apropriar do sentido e da função do texto, sem o domínio das práticas sociais em que ele está inserido. Ao lermos comprometemo-nos com um posicionamento, com uma formação de valores e opiniões.

Esses aspectos corroboram a hipótese de que a escolha e o trabalho com diferentes tipos de textos possam sofrer a interferência de fatores socioculturais, os quais interfeririam na criação (ou não criação) de uma cultura de leitura.

A metodologia, a fim de constatar se há caracterização de polifonia entre autores e editora, ou seja, se há o encontro de vozes pela convivência e pela interação, baseia-se em elencar alguns exemplos de textos contidos na obra em análise, destacando-se, nessa fase preliminar, o volume destinado aos sextos anos. Opta-se pelos textos que são apresentados nos primeiros capítulos de cada Unidade do volume em questão.

Não é novo o trabalho de pesquisas com livro didático, porém pretende-se enfatizar a importância dos textos, sua contextualização, interdisciplinaridade, numa abordagem de análise crítica do discurso. (Fairclough, 2001)

Também não acreditamos que a escolha de textos que compõem uma obra didática seja uma atividade onde esses textos sejam selecionados aleatoriamente, sem passar sobre uma pré-escolha, uma pré-análise. Talvez a razão mais lógica para rejeitar a escolha aleatória seja o fato de que as pessoas não são receptoras passivas e incapazes de juízo. Somos marcados por desigualdades sociais muito acentuadas e, para que uma obra seja inclusiva, deve levar a reflexões importantes, debates promotores de diálogos, interação, onde os interlocutores não são apenas os autores da obra.

O ser humano tem necessidade de questionar, de transformar, construir e desenvolver novas idéias ou idéias alternativas. Parece que aquilo em que os processos ideológicos são mais efetivos é em condicionar, através de todas as instituições socializadoras, o apego à passividade e à lei do menor esforço, coisa que não deve resultar muito difícil, considerando a grande evidência existente dos níveis de conformidade e coação que condicionam a realidade externa por todas as partes. Um educador responsável e comprometido com a formação de seus alunos ao escolher uma obra didática levará em conta essas abordagens de não-conformidade com o nada a dizer.

Fairclough (2001) reconhece que os sujeitos não estão apenas ideologicamente posicionados (efeito ideológico), senão que "são também capazes de atuar criativamente fazendo suas próprias conexões entre as diferentes práticas e ideologias às quais estão expostos, além de reestruturar práticas e estruturas posicionadas".

A linguagem como ação ou prática social precisa sempre do contexto e argumentações que indiquem o objetivo ou intencionalidade do discurso. Igualmente, esta abordagem está pendente do nível de racionalidade dos argumentos próprios e dos contrários, em oposição a uma concepção unívoca da verdade (Billig, 1987). A prática da pesquisa psicossocial ainda permite a possibilidade de abordar a forma e os meios como, ao mesmo tempo, os discursos se encontram e atuam, definindo e organizando novas possibilidades políticas de ação.

Discursos e textos sobre a realidade não podem, portanto, ser considerados aleatórios ou descompromissados. Parece lógico esperar uma marcada racionalidade, flexibilidade e variabilidade, tanto no que se refere à seleção de textos e sobre a realidade social onde estes são articulados, quanto sobre os argumentos de legitimação dessas escolhas.

Neste último caso, as relações de conflito, sempre presentes na sociedade, ficam em evidência, assim como as formas de legitimação ou justificação empregadas pelas pessoas ou grupos que fazem a avaliação. Outra vantagem importante é a possibilidade de analisar a forma como se conecta o discurso da pessoa sobre a realidade social com sua biografia pessoal e sua identidade.

Com o estudo da obra *Português: Linguagens* (Cereja & Magalhães, 2009), com base nas questões que o norteiam, pretendemos analisar se as propostas de textos orientam para a apropriação e uso dos três elementos na perspectiva de Bakhtin (2000): conteúdo temático, estilo e construção composicional.

O objeto em estudo, e no caso deste artigo, a coleção didática idealizada por Cereja e Magalhães (2009), introduzida no processo discursivo deste artigo, não é uma pessoa, física e psicologicamente descrita, mas está constituído por todas as vozes alheias e de origens diversas, apresentadas em seus textos: os autores das histórias, sua discursividade, a família, a sociedade, o universo do faz-de-conta, o meio social, as demais obras científicas ou literárias abordadas na coleção didática, etc. E esses elementos apresentam um papel ativo na interação. Há uma polifonia de vozes considerando o fato de que os textos apresentados constituem-se de enunciados de outros autores e permeados de suas expressões e valores.

Não por acaso, persistentemente a contemporaneidade tem sido nomeada, descrita e explicada por referências ao ambiente comunicacional: “Aldeia Global” (McLuhan, 1971) “Era da Informação” (Manuel Castells), “Sociedade Informática” (Adan Schaff), “Sociedade da Informação” (David Lyon), “Sociedade Conquistada pela Comunicação” (Bernard Miège), “Sociedade da Informação ou da Comunicação” (Ismar de Oliveira Soares), “Sociedade Media-Centric” (Venício Lima) e “Planeta Mídia” (Dênis de Moraes).

Esta verdadeira e problemática Idade Mídia pode ser detectada através de múltiplas dimensões forjadoras e marcantes da atualidade: a gigantesca expansão quantitativa da comunicação; a proliferação e desenvolvimento de novas modalidades e sociotecnologias de comunicação; a consolidação da comunicação como modo expressivo de experienciar a realidade-mundo; a transformação cultural propiciada pela comunicação com a constituição do circuito cultural dominante hoje: as indústrias da cultura; a instituição de uma dimensão de publicização hegemônica na sociedade e, enfim, como já indicado, a comunicação como estruturante e ambiente da contemporaneidade.

A comunicação agora não pode mais isoladamente, ser identificada com sua possibilidade instrumental e com sua dimensão de mensagem. Na contemporaneidade, a comunicação não é aprisionamento, invisibilidade. Ela vem do imaginário da narrativa, por exemplo, revelada em “O Ganso de Ouro”, dos Irmãos Grim; mas, de acordo com esse texto, vislumbram-se várias possibilidades de observar-se, na aparente ingenuidade do irmão mais jovem e preterido pelos pais, a capacidade criativa e as condições de superar situações de adversidade.

Em “A Vocação de Geraldinho”, de Ziraldo, configuram-se os questionamentos do pré-adolescente que é cobrado pela família e pela sociedade quanto ao futuro profissional e o quanto tais abordagens são contundentes e por vezes angustiantes, pois ecoam em apelos insistentes e até mesmo imposições. É, sem dúvida, um capítulo que permite evocar vários outros intertextos e exemplos colhidos na realidade de cada educando.

Os Meninos Morenos, também de Ziraldo, apresenta o drama das diferenças étnicas, culturais e sociais, e do passado e a infância vistos sob a ótica da importância das origens e do autoconhecimento, num relato com episódios marcantes vivenciados pelo próprio autor, Ziraldo, que traz sua voz e seus traumas para dialogar nas mais diferentes turmas de sextos anos, onde histórias como essa são vistas ainda com indiferença, dignas de análises criteriosas e pontuais sobre as questões que apresenta.

No texto “Da Utilidade dos Animais”, Carlos Drummond de Andrade se debruça com os professores, alunos, famílias e a socie-

dade, em geral, para conversarmos sobre as questões ecológicas, sobre o texto redescobrimo nele sua multivocidade e a oportunidade para a discussão de alternativas para a educação, quais sejam pensar a escola sob a orientação de novas determinações culturais, abrindo caminho para outras formas de existência no planeta em que habitamos e a sociabilidade nas quais as diferenças, ser humano racional e animal irracional e contradições, têm também voz e vez, a partir do mundo que os tiramos das condições de invisibilidade. Aqui podemos constatar que se os homens querem seus direitos respeitados, também os animais, a natureza como um todo, têm aqueles que se preocupam com seus direitos.

Através desses textos do volume em análise, nota-se que os autores demonstram ser sensíveis a diferentes abordagens de textos, verbais e não-verbais, que evidenciam as distinções existentes entre as várias personalidades e vozes que compõem a sociedade. Nota-se, nas leituras textuais, o fantástico, o maravilhoso, o mito, as alegrias e outras abordagens literárias que fazem refletir sobre o amadurecimento, passagem da infância para a adolescência com seus desejos, obrigações e ilusões. Para a faixa etária para qual a obra em análise se destina está sendo aberto um leque de possibilidades: a escola como espaço de discussão, a busca de capacitação para conviver com as diversidades sociais, reflexões sobre o futuro, o trabalho; a vida urbana com sua modernidade; as expectativas diante da sociedade e do mundo. Nessas relações estão presentes os diferentes tipos de discursos que envolvem-nos a todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objeto de estudo deste trabalho, o volume de sexto ano do Ensino Fundamental II, primeiros textos dos capítulos primeiros de cada Unidade, que por sua vez compõe-se de quatro grandes temas centrais e as possibilidades de *intertextualidade*, serviu para ilustrar a importância dos textos de uma obra didática para o conhecimento de mundo e como também esse fator interfere no nível de compreensão do texto, permitindo-lhes a troca de impressões.

Se o educador conduz a turma às reflexões, elas, as reflexões, instigam os alunos à participação e esta, a participação, conduz a um

diálogo com o próprio texto, permitindo que perguntas e respostas possam ser pesquisadas nas entrelinhas. Pois, embora o aluno-leitor não identifique espontaneamente o intertexto, vai entendê-lo. Mas ao relacionar um texto com outro, compreenderá o texto lido na sua profundidade e por consequência será capaz de refletir sobre o recurso adotado pelo autor para quando for compor textos.

Dessa forma, pretende-se que a utilização de um texto, na aula de Língua Portuguesa, por exemplo, poderá permitir ao aluno a compreensão que a intertextualidade é uma das estratégias utilizadas para a construção de um texto. Quando se trata de textos da publicidade, por exemplo, quando se utiliza a intertextualidade sob forma diferente de persuasão na intenção de conduzir o leitor ao consumo de um produto e de também difundir a cultura, percebemos que os textos são inclusivos a partir do momento que os fazemos apresentar suas intencionalidades, revelando as nossas.

Segundo Brito (2005) os textos fazem parte da vida, sejam eles lidos, escritos, ouvidos, contados, comentados, debatidos, refletidos. Por isso mesmo, eles podem provocar ambiguidades. Não se trata de ambiguidade pela ambiguidade; são seus efeitos, até mesmo no discurso da vida...

Enfim, a intertextualidade, o debate, a reflexão, a interpretação, a análise, devem fazer parte do planejamento do professor interdisciplinar. Pois, afinal, é a cultura do país, é a história construída pelo próprio povo, é também a história do mundo que estão em constante diálogo.

Os exemplos de textos apresentados, colhidos na obra *Português: Linguagens de Cereja e Magalhães* (2009) corroboram que a inclusão está presente através da análise de textos selecionados no volume para estudo inicial e que, através dessas leituras podem ser desenvolvidos projetos interdisciplinares onde a intertextualidade está presente e permite lidar com diferentes configurações culturais, dando-nos a oportunidade e o enriquecimento de intercambiar informações com outros textos que, por sua vez permitem dialogar com as novas subjetividades com as quais a escola se defronta. As informações cognitivas e afetivas permitem desencadear uma discussão que leve avante questões sobre inclusão, intertextualidade e interdisciplinaridade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

———. Os gêneros do discurso. **In:** ——. *Estética da criação verbal*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BILLIG, M. *Argumentando e pensando. Uma abordagem retórica à psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2008.

BRITO, Terezinha Fatima Martins Franco. *Ambiguidades em textos publicitários*. Monografia de Pós-Graduação em: Especialista em Língua Portuguesa. Duque de Caxias: UNIGRANRIO, 2005.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Trad. Anna Rachel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade - a era da informação 3*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português-linguagens*, vol. 6, 6º ano do ensino fundamental. Ensino fundamental II. São Paulo: Atual, 2009. (Conforme nova ortografia)

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*, Brasília: UnB, 2001.

FERNANDES, Cleudemar Alves. Incursões foucaultianas nos domínios lingüístico-discursivos – resenha de “Michel Foucault e os domínios da linguagem – discurso poder, subjetividade”. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Vol. 5, nº 8, março de 2007. ISSN 1678-8931 www.revel.inf.br. Acessado em 14 de fevereiro de 2009.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. 6ª ed. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

———. *A ordem do discurso*. 6ª ed. São Paulo: Loyola, 1998.

- . *Microfísica do Poder*. 25ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- . *O que é um autor?* Tradução de Antonio F. Cascais e Edmundo Cordeiro. Vega: Passagens, 1992.
- KATO, Mary. *O aprendizado da leitura*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- KOCH, I. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1997.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.
- LEFFA, Vilson J. Perspectivas no estudo da leitura: texto, leitor e interação social. In: LEFFA, Vilson J.; PEREIRA, Aracy E. (Orgs.) *O ensino da leitura e produção textual: alternativas de renovação*. Pelotas: Educat, 1999.p.13-37. Disponível em: www.leffa.pro.br/perspec.htm. Acessado em: 20.01.2009.
- McLUHAN, Marshall. *Guerra e paz na aldeia global*. Rio de Janeiro: Record, 1971.
- MEC/SEF. *Parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto – Secretaria de Educação Fundamental, 1998.
- MOLINA, Olga. *Quem engana quem: professor x livro-didático*. Campinas: Papyrus, 1987.
- MORAES, Dênis de. *O planeta mídia: tendências da comunicação na era global*. Rio de Janeiro: Letra Livre, 1998.
- MORIN, Edgar. *O método III: o conhecimento do conhecimento/1*. Portugal: Publicações Europa-América, 1996.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e leitura*. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 1988.
- OLIVEIRA, João Batista Araújo e; GUIMARÃES, Sonia Dantas Pinto & BOMÉNY, Helena Maria Bousquet. *A política do livro didático*. 2ª ed. São Paulo: Summus; UNICAMP, 1984.
- PNLD 2009* (Programa Nacional do Livro Didático 2009). Disponível em:

http://www.fnde.gov.br/home/index.jsp?arquivo=livro_didatico.html.
Acessado em: 20.01.2009.

RESENDE, Viviane de Melo e RAMALHO, Viviane. *Análise do discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

SARGENTINI, Vanice; NAVARRO-BARBOSA, Pedro (orgs.). Michel Foucault e os domínios da linguagem – discurso, poder, subjetividade. São Carlos: Claraluz, 2004. Resenha disponível em: <http://www.editoraclarluz.com.br/claraluz/>. Acessada em: 14 de fevereiro de 2009.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura & realidade brasileira*. 5ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

———. *Leitura na escola e na biblioteca*. Campinas: Papirus, 1986.

SILVA, Maria J. M.; SANTOS, Acácia A. A. *A avaliação da compreensão em leitura e o desempenho acadêmico de universitários*. Psicologia em estudo, Maringá, vol. 9, nº 3, p. 459-467, set/dez 2004. Disponível em www.scielo.br/pdf/pe/v9n3/v9n3a13.pdf. Acessado em: 20.01.2009.

ZILBERMAN, Regina e Silva, Ezequiel T. *Da Leitura: perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 1988.

———. *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 6ª ed. Porto Alegre: Ática, 1988.

ANEXOS

Verificar, consultando o volume apresentado: Cereja & Magalhães (2009), os textos que são sugeridos:

1. O Ganso de Ouro, Irmãos Grim – p. 14 de *Português-linguagens* (Unidade 1 – No Mundo da Fantasia, capítulo 1 – Era Uma Vez).
2. A Vocação de Geraldinho, Ziraldo – p. 78 de *Português-linguagens* (Unidade 2 – Crianças, capítulo 1 – Quando Eu Crescer).
3. Os Meninos Morenos, Ziraldo – p. 140 de *Português-linguagens* (Unidade 3 – Descobrimo Quem Sou Eu, capítulo 1 – Um Mundo Chamado Infância).

4. Da Utilidade dos Animais, Carlos Drummond de Andrade – p. 194
de *Português-linguagens* (Unidade 4 – Verde, adoro ver-te, capítulo
1 – Preservação Animal).